

A INFLUÊNCIA DO AMOR NA VIOLÊNCIA NO NAMORO EM ESTUDANTES DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

Ana Marta Santos

monteirosantosams@gmail.com

Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Lisboa

Ana Veríssimo Ferreira

averissimo@eselx.ipl.pt

Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Lisboa

Catarina Tomás

ctomas@eselx.ipl.pt

Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Lisboa

<https://doi.org/10.34629/ipl.eselx.cap.livros.106>

A Violência no Namoro entre Estudantes do Ensino Superior: Breve Caracterização do Fenómeno

A violência entre parceiros íntimos, legalmente denominada “violência doméstica”, é atualmente considerada como uma problemática difícil de abordar e de resolver (cf. Leitão et al., 2013; Santos, 2015; Teixeira, 2015), sendo uma das tipologias criminais mais participadas em Portugal (cf. Quaresma, 2012). Como tal, este fenómeno tem vindo a assumir uma posição central nas políticas sociais a nível nacional e internacional (Santos, 2015), verificando-se, a partir de 2013, a inclusão explícita da violência nas relações de namoro na referida tipologia (cf. Fernandes, 2016; Filipe, 2013; Gama, Veríssimo & Tomás, 2017). Assim, a violência no namoro emerge hoje, no contexto português, como uma

Nota. O estudo aqui apresentado foi desenvolvido no âmbito da dissertação de mestrado de Ana Marta Santos, orientada por Ana Veríssimo Ferreira e Catarina Tomás e realizada no quadro do programa de Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária, da Escola Superior de Educação de Lisboa.

temática discutida, tanto a nível público como académico e como um fenómeno social e jurídico, sendo a sua visibilidade mediática cada vez maior (Gama et al., 2017).

Definida como a utilização de violência ou a ameaça verbal relativamente à mesma, de forma consecutiva ou pontual, por um/a dos/as parceiros/as ou por ambos/as, sem que exista um vínculo conjugal entre os/as mesmos/as (cf. Gonçalves, 2013; Lopes, 2014), a violência no namoro assume essencialmente três formas, nomeadamente, a violência física, a violência sexual e a violência psicológica e/ou emocional (cf. Barbosa, 2014; Félix, 2012; Filipe, 2013; Manuel, 2014; Monteiro, 2015), que na maioria das vezes ocorrem com alguma sobreposição ou complementaridade (cf. Filipe, 2013; Manuel, 2014). Neste âmbito, a literatura indicia a violência psicológica/emocional como o tipo de abuso mais frequente (Antunes, 2016; Gama et al., 2017; Manuel, 2014; Otero & Martinez, 2016; Paiva & Figueiredo, 2004; Vieira, 2013).

No que diz respeito à sua prevalência entre estudantes do ensino superior, existem diversos estudos que revelam a existência de percentagens elevadas de comportamentos abusivos no referido contexto, tanto em Portugal (e.g. Antunes & Machado, 2012; Machado, Caridade & Martins, 2010; Paiva & Figueiredo, 2004), como a nível internacional (e.g. Delgado, 2016; Murray, Wester & Paladino, 2008; Otero & Martinez, 2016; Thompson, 1991), embora ainda se conheça pouco acerca da presença e impacto deste fenómeno em Portugal, no que diz respeito ao referido contexto (cf. Gama et al., 2017).

Por outro lado, a literatura apresenta um vasto leque de possíveis fatores de risco subjacentes à violência entre parceiros íntimos (e.g. Filipe, 2013), embora com resultados pouco consensuais no que diz respeito à população mais jovem (Barbosa, 2014; Filipe, 2013). Ainda assim, os estudos realizados neste âmbito destacam as atitudes e crenças culturais dos sujeitos, no que diz respeito ao uso de violência entre parceiros íntimos, como um fator promotor da mesma (cf. Félix, 2012; Lopes, 2014; Saavedra, 2010), uma associação exposta em muitos estudos realizados, tanto a nível internacional como nacional, também junto de estudantes do ensino superior (e.g. Antunes, 2016; Carlson, 1999; Dardis, Edwards, Kelley & Gidycz, 2013; Rey-Anacona, 2015).

A maioria das investigações realizadas, revela a existência de uma baixa concordância com a violência no namoro, por parte dos/as jovens, incluindo os/as estudantes do ensino superior (e.g. Machado et al., 2010; Monteiro, 2015; Oliveira, 2011; Price, Byers & The Dating Violence Research Team, 1999; Vieira, 2013), evidenciando-se uma maior prevalência de atitudes legitimadoras, face à mesma, por parte do sexo masculino, comparativamente ao sexo feminino (e.g. Antunes, 2016; Carlson, 1999; González, 2007; Hines & Reed, 2015; Machado et al., 2010; Price et al., 1999; Vieira, 2013).

Não existe, no entanto, uma consensualidade no que diz respeito à prevalência da legitimação de um tipo de violência comparativamente a outros e a investigação realizada neste sentido, junto da população jovem e dos/as estudantes do ensino superior, é ainda escassa. Ainda assim, denota-se a existência de uma ligeira prevalência da legitimação da violência psicológica perpetrada pelo sexo masculino e feminino e da violência física e sexual perpetrada pelo sexo feminino (Antunes, 2016; Gonçalves, 2013; González, 2007; Hines & Reed, 2015; Monteiro, 2015; Price et al., 1999; Rey-Anacona, 2015; Ribeiro, 2013; Saavedra, 2010).

Atendendo aos factos acima expostos, sublinha-se a pertinência de realizar estudos junto de estudantes de ensino superior que possam sustentar uma prevenção mais eficaz do referido fenómeno, principalmente tendo em conta que, como a literatura indica, esse mesmo público considera a entrada e passagem por uma instituição desse tipo, como uma fase de transição, de relevantes mudanças, de novas formas de relacionamento social, de experimentação e de construção e redefinição de identidade, onde se desvendam e determinam os limites pessoais, tanto a nível físico como emocional (cf. Mendes, Duarte, Araújo & Lopes, 2013).

Por outro lado, esta é também uma etapa pertinente no que diz respeito ao desenvolvimento emocional e íntimo dos/as jovens (Oliveira, 2013), surgindo o amor como um elemento intrínseco a esse mesmo desenvolvimento (cf. Narváez, Parra, Alonso & Madera, 2017).

Nesse sentido, as relações de namoro representam um papel relevante ao possibilitar aos/às jovens a exploração de si próprios/as, a experimentação sexual, a vivência de companheirismo e de funções outorgadas normalmente aos adultos, bem como a resolução de conflitos (Félix, 2012), sendo o namoro definido como uma estrutura estabelecida entre dois indivíduos que partilham entre eles emoções, satisfação sexual e apoio psicoafectivo, podendo dita estrutura diferir em termos de duração e de intensidade (Rodríguez-Santero, Muñoz & Gálvez, 2017). Assim, torna-se essencial abordar outro conceito fundamental ao estudo aqui apresentado – o conceito de amor.

A Violência no Namoro entre Estudantes do Ensino Superior: Breve Caracterização do Fenómeno

A literatura destaca o conceito de amor como um aspeto fundamental, tanto para o desenvolvimento e concretização pessoal de cada indivíduo, como para a construção das identidades individuais e cole-

tivas (Guedes, 2011; Monteiro, 2013; Torres, 1987) e também como um elemento relevante ao estabelecer em parte o que os sujeitos sentem e a forma como atuam nos seus relacionamentos amorosos (Santos, 2009). Não existe um consenso quanto à sua definição, mas pode-se verificar, por exemplo, que alguns/mas autores/as o situam como sendo um estado emocional e motivacional (Marzec & Lukasik, 2017) que pode ser experienciado ocasionalmente ou durante um período de tempo longo e apresentar distintas formas e intensidades (Morais, 2015), ou como “uma construção social que pode ser traduzida como uma experiência emocional não universal que é definida de forma diferenciada em função das culturas onde tem lugar” (Beall & Sternberg, citado por Júlio, 2011, p. 46). Assim, o amor surge como um conceito subjetivo e complexo, que sofre transformações segundo a temporalidade, a época ou a cultura na qual se insere, estando os seus diversos significados dependentes destes mesmos fatores (Dias, 2012; Júlio, 2011; Torres, 1987).

São várias as teorias e tipologias emergentes no que diz respeito a este fenómeno (Neto, 2007). De entre essas teorias destaca-se uma que é considerada como a mais sofisticada das teorias sobre o amor (Neto, 1992) e que tem vindo a ser cada vez mais utilizada em investigações neste âmbito, intitulada “As cores do amor” e apresentada por Lee na década de 70 (cf. González, 2007; Pérez, Fiol, Guzmán, Palmer & Buades, 2008; Pinto, 2009). O referido autor expõe seis estilos de amor diferentes (cf. Neto, 1992, 2001; Pinto, 2009), correspondendo, cada um desses estilos, à atitude que descreve como cada indivíduo conceptualiza o amor no contexto da sua relação amorosa (Vedes et al., 2016), sendo que estes podem variar ao longo da vida segundo fatores externos e internos ao próprio sujeito (Rodríguez-Santero et al., 2017).

Assim, Neto (1992) e Pinto (2009) expõem: 1) o estilo *Eros*, que representa o amor romântico e a paixão. Marcado por uma forte atração física e por um envolvimento a vários níveis, sendo uma das suas características, por exemplo, a crença no “amor à primeira vista”; 2) o estilo *Ludus*, que representa o amor como um jogo e surge associado ao amor sem a existência de compromisso, sendo que o indivíduo tem gosto em ter vários/as parceiros/as; 3) o estilo *Storge*, que diz respeito ao amor baseado na afeição, na amizade e em sentimentos de confiança, de aceitação, de partilha e de companheirismo; 4) o estilo *Pragma*, referente ao amor prático e racional. Caraterizado pela procura de um/a parceiro/a compatível, adaptado/a, com o qual o sujeito possa construir uma vida em comum que seja satisfatória e compensadora; 5) o estilo *Mania*, que representa o amor inseguro, ansioso, possessivo e dependente. Neste tipo de amor o sujeito vive uma preocupação obsessiva pelo/a parceiro/a e demonstra atitudes de ciúme intenso; 6) e por fim, o estilo *Ágape*, representante do amor desinteressado e

altruísta. Nele, o indivíduo predispõe-se a renunciar a tudo para trazer felicidade ao/à seu/sua parceiro/a. O amor é visto como um dever sem que existam expectativas de receber.

As investigações que se dedicaram à análise dos seis estilos de amor acima expostos demonstram que, de uma forma geral, os sujeitos têm tendência a identificar-se mais com os estilos Eros, Storge e Ágape, ao contrário do que acontece com os estilos *Ludus*, *Mania* e *Pragma* (e.g. Moyeda, Velasco & Ojeda, 2013; Neto, 2001, 2007; Rodríguez-Santero et al., 2017; Ruitiña, 2012).

No que diz respeito ao contexto português, Carvalho (2010) sublinha a atual solidificação de um modelo de amor mais democrático e igualitário, que implica, ao mesmo tempo, um maior envolvimento afetivo e emocional. Por outro lado, verifica-se a generalização de estilos “pós-modernos” de relação sexual e amorosa, como as amizades sexuais (cf. Oliveira, 2013), as relações afetivas ocasionais (cf. Antunes & Machado, 2012) ou as relações *online* (cf. Manuel, 2014). No entanto, como referido anteriormente, a violência entre parceiros íntimos persiste neste mesmo contexto.

Assim, alguns/mas autores/as referem a possibilidade de o conceito de amor influenciar tanto o surgimento ou manutenção desse tipo de violência, como o seu reconhecimento/legitimação (cf. Félix, 2012; Nascimento, 2009; Pérez et al., 2008; Ruitiña, 2012), apontando, inclusive, para a existência de uma forte ligação entre as atitudes em relação ao amor patentes nos indivíduos e a forma como estes gerem os conflitos que surgem nas respetivas relações íntimas (cf. Varas, 2016).

São escassos os estudos que abordam e analisam esta ligação, principalmente no que diz respeito à população mais jovem (cf. González, 2007), o que dificulta a intervenção sobre o fenómeno da violência no namoro e, por outro lado, a análise global do estado da arte, neste âmbito, revela uma falta de consenso quanto à relação entre os estilos/noções de amor e a ocorrência de violência entre parceiros íntimos. No entanto, a mesma aponta para o destaque dos estilos *Ludus* e *Mania* como preditores no que diz respeito à perpetração e vitimação desse tipo de violência (e.g. González, 2007; Varas, 2016) e dos estilos *Eros*, *Storge* e *Ágape* como fatores protetores relativamente às mesmas, em ambos os sexos (e.g. González, 2007; Ruitiña, 2012). Nesse sentido, González (2007) afirmou, inclusive, a essencialidade de intervir, junto da população jovem, objetivando a expressão de condutas amorosas características dos estilos *Eros*, *Storge* e *Ágape*.

Metodologia

Neste ponto pretende-se expor os objetivos específicos do estudo empírico e caracterizar a amostra, o instrumento de recolha de dados e os procedimentos levados a cabo.

A investigação apresentada no presente artigo assumiu uma natureza quantitativa, apresentando como objetivos específicos os seguintes: (i) identificar as atitudes dos/as participantes, estudantes numa instituição de ensino superior pública portuguesa, em relação ao amor e à violência no namoro; (ii) explorar a existência de diferenças nas mesmas, segundo distintas variáveis sociodemográficas e contextuais; (iii) explorar a relação entre as atitudes dos/as participantes em relação ao amor e as atitudes dos/as mesmos/as acerca da violência no namoro e (iv) avaliar se as primeiras têm influência sobre as segundas.

A amostra era composta por 210 estudantes, a frequentar maioritariamente o 1.º ano de licenciatura numa instituição de ensino superior pública de Lisboa, tendo os/as mesmos/as idades compreendidas entre os 17 e os 34 anos ($M=19,81$; $DP=3,65$). A grande maioria dos/as participantes era de nacionalidade portuguesa (97,1%) e heterossexual (86,2%), sendo 87,6% do sexo feminino e 12,4% do sexo masculino. Para o estudo aqui apresentado foram ainda consideradas outras variáveis sociodemográficas e contextuais, algumas delas expostas na Tabela 1. Convém referir que a opção de selecionar os/as estudantes a frequentar o 1.º ano de licenciatura, se prendeu com o facto de um estudo, realizado recentemente por Gama et al. (2017), ter verificado que os/as estudantes de 1.º ano eram os/as que mais perpetravam e mais sofriam de abuso social e de violência física e também os/as que revelavam uma maior vitimação relativamente ao uso de estratégias abusivas na resolução de conflitos.

| | N | % |
|---|-----|------|
| Curso | | |
| Licenciatura em Ensino Básico | 89 | 42,4 |
| Licenciatura em Artes Visuais e Tecnologias | 61 | 29 |
| Licenciatura em Animação Sociocultural | 28 | 13,3 |
| Licenciatura em Mediação Artística e Cultural | 23 | 11 |
| Licenciatura em Música na Comunidade | 9 | 4,3 |
| Estado Civil | | |
| Solteiro/a | 202 | 96,2 |
| Coabita com o/a parceiro/a | 4 | 1,9 |
| Sem resposta | 4 | 1,9 |
| Religião | | |
| Católica | 78 | 37,1 |
| Cristã | 28 | 13,3 |
| Ateu/Ateia | 24 | 11,4 |
| Outras | 6 | 3 |
| Sem resposta | 74 | 35,2 |
| Prática Religiosa | | |
| Crente praticante | 39 | 18,6 |
| Crente não praticante | 77 | 36,7 |
| Nem crente nem praticante | 63 | 30 |
| Sem resposta | 31 | 14,8 |
| B.1. | | |
| Namoro ou já namorei | 169 | 80,5 |
| Saio ou saí com alguém apesar de não existir um compromisso de namoro | 27 | 12,9 |
| Nunca namorei | 14 | 6,7 |
| B.3. | | |
| Estou a pensar na pessoa que é o/a meu/minha namorado/a atualmente | 97 | 46,2 |
| Estou a pensar num/a ex-namorado/a do último ano | 36 | 17,1 |
| Estou a pensar num/a ex-namorado/a de há mais de um ano | 19 | 9 |
| Estou a pensar numa pessoa com quem tive um relacionamento | 42 | 20 |
| Sem resposta | 16 | 7,6 |
| B.4. Esta relação dura ou durou quanto tempo? | | |
| 0 anos | 62 | 29,5 |
| Entre 1 e 3 anos | 109 | 51,9 |
| Entre 4 e 6 anos | 9 | 4,3 |
| Entre 7 e 9 anos | 5 | 2,5 |
| Sem resposta | 25 | 11,9 |
| B.5. Já viveste uma situação de violência no namoro? | | |
| Sim | 23 | 11 |
| Não | 177 | 84,3 |
| Sem resposta | 10 | 4,8 |

Tabela 1. - Caracterização da amostra (N=210)

Quanto ao instrumento de recolha de dados, este apresentava-se dividido em três partes: (i) o questionário de dados sociodemográficos e contextuais; (ii) a “Escala de atitudes em relação ao amor” (Neto, 1992)¹, baseada na *Love Attitude Scale*, esta última considerada como o instrumento de medida fidedigno e válido (cf. Neto, 1992) mais utilizado para analisar o modelo proposto por Lee a nível internacional (Cassepp-Borges & de Andrade, 2013) e (iii) a “Escala de atitudes acerca da violência no namoro” (Saavedra, Machado & Martins, 2017)², que representa um instrumento muito utilizado para avaliar o nível de legitimação dos sujeitos face à violência psicológica, física e sexual, perpetrada quer por rapazes, quer por raparigas (e.g. Antunes, 2016; Cristovão, 2012; Fonseca, 2015; Freitas, 2015; Gonçalves, 2013; Lopes, 2014; Monteiro, 2015; Moura, 2012; Saavedra, 2010; Saavedra, Martins & Machado, 2013).

No que diz respeito aos procedimentos, primeiro definiu-se a problemática, construiu-se o quadro teórico-conceitual e estabeleceram-se o objetivo geral, os objetivos específicos e as hipóteses de investigação.

1 Os resultados obtêm-se pela soma da pontuação dos sujeitos em cada subescala, sendo que, quanto mais baixo for o score, maior é a manifestação do estilo de amor correspondente (Júlio, 2011; Serrão, 2015).

2 O valor de cada subescala é calculado a partir da soma dos seus itens, sendo que quanto maior for a pontuação, maior é a legitimação do respetivo tipo de violência nas relações de namoro (Saavedra, 2010).

Após a construção do instrumento de recolha de dados, tendo em consideração a sua adaptação a participantes não heterossexuais, fez-se a aplicação do questionário, que decorreu em Dezembro de 2017, numa instituição de ensino superior pública da área de Lisboa. A aplicação do questionário foi realizada de forma individual e presencial e em contexto de sala de aula, onde foi respeitado o anonimato e a confidencialidade. Por fim, efetuou-se o tratamento e análise estatística dos dados recolhidos, através do *software* IBM-SPSS *Statistics* versão 24 (Chicago, IL, EUA), estabelecendo-se o nível de significância em $p < ,05$. Esta fase incluiu, também, uma análise das características psicométricas das escalas, que revelaram ter boa fiabilidade, validade e consistência interna, avaliando de forma adequada as atitudes em estudo.

Apresentação e Discussão de Resultados

O estudo empírico permitiu, assim, obter os seguintes resultados. Os/as participantes identificam-se mais com os estilos de amor companheiro (*Storge*), apaixonado (*Eros*) e altruísta (*Ágape*) e menos com os estilos prático (*Pragma*), ansioso (*Mania*) e lúdico (*Ludus*) (cf. Tabela 2). Estes resultados vão ao encontro das evidências expostas em outros estudos realizados neste âmbito (e.g. Moyeda et al., 2013; Neto, 2001, 2007; Rodríguez-Santero et al., 2017; Ruitiña, 2012) e sugerem uma aproximação dos/as participantes aos ideais de amizade, respeito, afeto (principalmente físico) e também de compromisso e estabilidade nas relações amorosas (Narváez et al., 2017).

| | M | DP | Minimum | Maximum |
|--|------|------|---------|---------|
| Escala de Atitudes em relação ao Amor | | | | |
| <i>Eros</i> | 2,38 | 4,58 | 2,09 | 2,86 |
| <i>Ludus</i> | 3,90 | 4,17 | 3,15 | 4,58 |
| <i>Storge</i> | 2,30 | 4,15 | 1,49 | 2,99 |
| Estilos de amor | | | | |
| <i>Pragma</i> | 3,36 | 5,31 | 2,85 | 4,13 |
| <i>Mania</i> | 3,39 | 5,59 | 2,45 | 4,39 |
| <i>Ágape</i> | 2,71 | 4,99 | 1,27 | 3,54 |

Tabela 2. - Média, desvio padrão, mínimos e máximos obtidos nas subescalas da EAA

Por outro lado, os participantes do sexo masculino identificam-se mais com o estilo de amor altruísta (*Ágape*) (cf. Tabela 3). Um resultado que pode ser explicado pela atual influência da cultura na definição dos papéis de género (Jonason & Kavanagh, 2010). Neste sentido, Neto (2007) expõe que o facto de os homens se identificarem mais com o estilo de amor *Ágape* pode estar relacionado com a existência de uma maior idealização e presença de conceitos românticos, acerca das re-

lações heterossexuais, no sexo masculino. Já Marzec e Lukasik (2017) sublinham que esta associação pode estar relacionada com o facto de se observar uma maior independência social e económica por parte das mulheres, nos últimos tempos, o que levou e leva a uma alteração das suas expetativas relativamente ao papel do homem.

Tabela 3. - Influência da variável sexo no que diz respeito à EAA e à EAVN

| | | | M | DP | F | Sig. |
|--|-------|-----------|-------|------|--------|------|
| Atitudes em relação ao amor | Ágape | Feminino | 19,68 | 5,01 | 23,021 | ,000 |
| | | Masculino | 14,15 | 3,25 | | |
| Atitudes acerca da violência no namoro | VSM | Feminino | 15,84 | 4,23 | 16,060 | ,000 |
| | | Masculino | 20,20 | 6,61 | | |
| | VPF | Feminino | 20,94 | 5,48 | 19,306 | ,000 |
| | | Masculino | 26,85 | 6,81 | | |
| | VSF | Feminino | 16,08 | 4,60 | 14,466 | ,000 |
| | | Masculino | 20,50 | 6,64 | | |

Quanto à violência nas relações de namoro, os/as participantes, no geral, manifestam uma baixa concordância com o uso da mesma (cf. Tabela 4), talvez devido aos esforços em termos preventivos que têm vindo a ser desenvolvidos, por parte da comunicação social, das escolas (Carvalho, 2010) e de outras entidades (cf. Gama et al., 2017), corroborando-se assim os resultados obtidos em outros estudos realizados neste âmbito (e.g. Machado et al., 2010; Monteiro, 2015; Oliveira, 2011; Price, Byers & The Dating Violence Research Team, 1999; Vieira, 2013).

Dentro dessa baixa concordância, os tipos de violência mais legitimados são a violência física e psicológica feminina e a violência psicológica masculina (cf. Tabela 4), o que indica uma tendência para a desvalorização da violência perpetrada pelas mulheres (Carlson, 1999) e também corrobora o facto de a violência psicológica/emocional surgir, em muitas investigações, como o tipo de abuso mais frequente (cf. Antunes, 2016; Antunes & Machado, 2012; Gama et al., 2017; Manuel, 2014; Otero & Martinez, 2016; Paiva & Figueiredo, 2004; Vieira, 2013).

Tabela 4. - Média, desvio padrão, mínimos e máximos obtidos nas subescalas da EAVN

| | | M | DP | Minimum | Maximum |
|---|-----|------|------|---------|---------|
| Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro | | | | | |
| Namoro | | | | | |
| | VPM | 1,62 | 3,70 | 1,15 | 2,54 |
| | VFM | 1,40 | 3,20 | 1,17 | 1,83 |
| Tipos de violência | | | | | |
| | VSM | 1,38 | 3,23 | 1,17 | 1,89 |
| | VPF | 1,48 | 4,62 | 1,25 | 2,02 |
| | VFF | 3,01 | 3,54 | 1,21 | 4,74 |
| | VSF | 1,42 | 3,53 | 1,26 | 1,65 |

Por outro lado, os participantes do sexo masculino manifestam mais atitudes legitimadoras face à violência psicológica feminina e face à violência sexual, tanto masculina como feminina, comparativamente ao sexo feminino (cf. Tabela 3), indo ao encontro dos resultados apresentados em outros estudos realizados neste âmbito (e.g. Antunes,

2016; Carlson, 1999; González, 2007; Hines & Reed, 2015; Machado et al., 2010; Price et al., 1999; Vieira, 2013). Este facto pode, assim, apontar para a existência de uma socialização do sexo masculino mais direcionada para a expressão de agressividade nas suas relações interpessoais (Saavedra, 2010) e para a tolerância de certas formas de violência (Antunes, 2016).

No que diz respeito ao curso frequentado, os/as estudantes da Licenciatura em Artes Visuais e Tecnologias apresentam mais atitudes legitimadoras (i) face à Violência psicológica masculina do que os/as estudantes de Educação Básica, de Mediação Artística e Cultural e de Animação Sociocultural, (ii) face à violência sexual masculina e feminina do que os/as estudantes de Educação Básica e (iii) face à violência psicológica feminina, comparativamente aos/às estudantes de Animação Sociocultural (cf. Tabela 5). Tendo como base o exposto por Félix (2012), sugere-se que estes resultados possam estar relacionados com diferenças existentes entre os planos curriculares aplicados em cursos que envolvem, de alguma forma, o contacto com as pessoas e os cuidados pessoais e aqueles que não implicam dito envolvimento, como é o caso da licenciatura em Artes Visuais e Tecnologias.

| | | | M | DP | F | Sig. |
|--|-----|------|-------|------|-------|------|
| Atitudes acerca da violência no namoro | VPM | LEB | 22,54 | 5,89 | | |
| | | LAVT | 28,26 | 7,63 | | |
| | | LMAC | 22,88 | 4,87 | 6,721 | ,000 |
| | | LASC | 22,64 | 5,38 | | |
| | VSM | LEB | 15,42 | 3,47 | | |
| | | LAVT | 18,46 | 6,70 | 3,901 | ,005 |
| | VPF | LAVT | 24,41 | 7,05 | | |
| | | LASC | 19,84 | 4,20 | 4,439 | ,002 |
| | VSF | LEB | 15,73 | 4,40 | | |
| | | LAVT | 18,76 | 6,26 | 3,067 | ,018 |

Tabela 5. - Influência da variável curso frequentado no que diz respeito à EAVN

Já os/as participantes heterossexuais são os/as que se identificam menos com o estilo de amor altruísta (*Ágape*) (cf. Tabela 6), o que aponta para uma maior dificuldade em se conceptualizar o amor de forma desinteressada quando o/a parceiro/a é do sexo oposto. No entanto, não se verificou a existência de uma ligação entre a orientação sexual e a presença de atitudes legitimadoras face à violência no namoro, um facto corroborado por outros estudos realizados junto de estudantes do ensino superior (e.g. Carlson, 1999; Crittenden, Policastro & Eigenberg, 2017). Por outro lado, os/as participantes solteiros/as são aqueles/as que se identificam mais com este último estilo de amor (*Ágape*), comparativamente aos/às que afirmam coabitar com o/a parceiro/a (cf. Tabela 7). Assim, coloca-se a hipótese de as exigências da vida em comum diminuírem o nível de paciência e a predisposição para o auto-sacrifício em prol do/a parceiro/a.

Tabela 6. - Influência da variável orientação sexual no que diz respeito à EAA

| | | M | DP | F | Sig. | |
|------------------------------------|--------------|---------------|-------|------|-------|------|
| Atitudes em relação ao amor | <i>Ágape</i> | Heterossexual | 19,28 | 4,91 | 3,796 | ,011 |
| | | Homossexual | 17,00 | 2,45 | | |
| | | Bissexual | 15,92 | 5,45 | | |
| | | Outras | 12,67 | 0,58 | | |

Tabela 7. - Influência da variável estado civil no que diz respeito à EAA

| | | M | DP | F | Sig. | |
|------------------------------------|--------------|----------------------------|-------|------|-------|------|
| Atitudes em relação ao amor | <i>Ágape</i> | Solteiro/a | 18,90 | 4,92 | 3,852 | ,023 |
| | | Coabita com o/a parceiro/a | 28,50 | 0,71 | | |

No que diz respeito à prática religiosa, os/as participantes que se definem como crentes e praticantes manifestam menos atitudes legitimadoras de violência física masculina, sendo que os/as que se definem como nem crentes nem praticantes são os/as que revelam mais este tipo de atitudes (cf. Tabela 8). Assim, o nível elevado de religiosidade parece estar associado a uma menor legitimação de violência no namoro, um facto corroborado no estudo de Crittenden et al. (2017) e no estudo de Oliveira (2011) que expõe que as instituições religiosas podem funcionar como um fator protetor no que diz respeito à violência.

Tabela 8. - Influência da variável prática religiosa no que diz respeito à EAVN

| | | M | DP | F | Sig. | |
|---|-----|---------------------------|-------|------|-------|------|
| Atitudes acerca da violência no namoro | VFM | Crente praticante | 31,03 | 7,02 | 4,858 | ,009 |
| | | Crente não praticante | 31,89 | 6,44 | | |
| | | Nem crente nem praticante | 34,68 | 5,72 | | |
| | | | | | | |

No caso dos/as participantes que se encontram numa relação de namoro atualmente ou que já vivenciaram uma relação de namoro no passado, estes/as identificam-se mais com o estilo de amor apaixonado (*Eros*), ao contrário daqueles/as que saem ou saíram com alguém sem compromisso de namoro que se identificam mais com o estilo de amor lúdico (*Ludus*). Sendo que, os/as participantes que afirmam estar a pensar no/a seu/sua namorado/a atual se identificam mais com os estilos de amor apaixonado (*Eros*) e altruísta (*Ágape*) e menos com o estilo de amor lúdico (*Ludus*) (cf. Tabela 9). Sublinha-se que estes últimos resultados são compreensíveis e coerentes, tendo em conta as características dos estilos de amor em questão.

Por outro lado, aqueles/as que referem estar a pensar numa pessoa com a qual tiveram um relacionamento não recente, são os/as que apresentam mais atitudes legitimadoras de violência sexual masculina e feminina (cf. Tabela 9). Sendo que os/as que afirmam estar a pensar no/a seu/sua namorado/a atual são os/as que apresentam menos ditas atitudes, no entanto, são os/as que manifestam mais atitudes legitimadoras de violência física feminina (cf. Tabela 9). Estes resultados vão ao encontro do estudo realizado por Otero e Martínez (2016), que demos-

tra que quem teve uma relação de namoro nos 12 meses precedentes ao estudo, apresenta um nível superior de violência física e psicológica, contrastando com os/as participantes cujo último relacionamento sucedeu numa fase anterior ao referido período, revelando os/as mesmos/as uma maior perpetração de violência sexual.

| | | M | DP | F | Sig. | |
|--|-------|---|-------|------|--------|------|
| Atitudes em relação ao amor | Eros | No/a meu/minha namorado/a atual | 14,33 | 3,72 | 22,961 | ,000 |
| | | Num/a ex-namorado/a do último ano | 17,14 | 3,26 | | |
| | | Num/a ex-namorado/a de há mais de um ano | 20,18 | 4,82 | | |
| | | Numa pessoa com quem tive um relacionamento | 19,62 | 4,75 | | |
| | Ludus | No/a meu/minha namorado/a atual | 28,91 | 3,41 | 11,033 | ,000 |
| | | Num/a ex-namorado/a do último ano | 25,33 | 4,42 | | |
| | | Num/a ex-namorado/a de há mais de um ano | 25,39 | 4,59 | | |
| | | Numa pessoa com quem tive um relacionamento | 26,63 | 3,47 | | |
| | Ágape | No/a meu/minha namorado/a atual | 17,67 | 5,07 | 3,932 | ,009 |
| | | Num/a ex-namorado/a do último ano | 20,39 | 4,95 | | |
| | | Num/a ex-namorado/a de há mais de um ano | 20,21 | 4,98 | | |
| | | Numa pessoa com quem tive um relacionamento | 19,75 | 4,56 | | |
| Atitudes acerca da violência no namoro | VSM | No/a meu/minha namorado/a atual | 15,50 | 4,44 | 4,187 | ,007 |
| | | Num/a ex-namorado/a do último ano | 16,94 | 4,69 | | |
| | | Num/a ex-namorado/a de há mais de um ano | 17,33 | 3,31 | | |
| | | Numa pessoa com quem tive um relacionamento | 18,61 | 6,18 | | |
| | VFF | No/a meu/minha namorado/a atual | 35,63 | 2,26 | 3,728 | ,012 |
| | | Num/a ex-namorado/a do último ano | 34,41 | 3,19 | | |
| | | Num/a ex-namorado/a de há mais de um ano | 33,76 | 2,99 | | |
| | | Numa pessoa com quem tive um relacionamento | 35,07 | 2,43 | | |
| | VSF | No/a meu/minha namorado/a atual | 16,06 | 5,10 | 3,026 | ,031 |
| | | Num/a ex-namorado/a do último ano | 16,48 | 4,99 | | |
| | | Num/a ex-namorado/a de há mais de um ano | 18,33 | 4,74 | | |
| | | Numa pessoa com quem tive um relacionamento | 18,88 | 6,68 | | |

Tabela 9. - Influência da pessoa na qual se está a pensar aquando o preenchimento do questionário no que diz respeito à EAA e à EAVN

Por fim, os/as participantes cujas relações tiveram ou têm uma maior duração identificam-se menos com o estilo de amor prático (*Pragma*) (cf. Tabela 10). Nesse sentido, sublinha-se a possibilidade de as características subjacentes a este estilo de amor serem mais consensuais com a fase inicial de um relacionamento, ou com a própria seleção do/a parceiro/a e não com as etapas mais avançadas de um relacionamento amoroso.

| | | M | DP | F | Sig. | |
|-----------------------------|---------------|------------------|-------|------|-------|------|
| Atitudes em relação ao amor | <i>Pragma</i> | 0 anos | 21,77 | 5,67 | 2,065 | ,030 |
| | | Entre 1 e 3 anos | 23,59 | 4,96 | | |
| | | Entre 4 e 6 anos | 24,72 | 5,79 | | |
| | | Entre 7 e 9 anos | 28,83 | 4,54 | | |

Tabela 10. - Influência da duração da relação no que diz respeito à EAA

No que diz respeito às correlações entre as subescalas da Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro, verifica-se que os/as participantes que legitimam um tipo de violência perpetrada por rapazes, também legitimam o mesmo tipo de violência perpetrado por raparigas, sendo que aqueles/as que manifestam mais atitudes legitimadoras de violência psicológica, também revelam mais atitudes legitimadoras

de violência sexual, independentemente do sexo de quem perpetra (cf. Tabela 11). No entanto, os/as que revelam mais atitudes legitimadoras de violência física feminina, revelam igualmente menos atitudes legitimadoras de violência sexual feminina (cf. Tabela 11). Assim, os resultados parecem reforçar as evidências apresentadas por Monteiro (2015) e Price et al. (1999), que referem também a existência de uma relação entre a legitimação dos vários tipos de violência.

Tabela 11. - Correlações entre as subescalas que integram a EAVN

| Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro | | | | | | | |
|--|-----|--------|-------|--------|--------|--------|---|
| | VPM | VFM | VSM | VPF | VFF | VSF | |
| Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro | VPM | 1 | | | | | |
| | VFM | ,034 | 1 | | | | |
| | VSM | ,538** | -,038 | 1 | | | |
| | VPF | ,620** | ,065 | ,494** | 1 | | |
| | VFF | -,119 | ,145* | -,034 | ,005 | 1 | |
| | VSF | ,535** | -,107 | ,653** | ,482** | -,161* | 1 |

Nota. *p<0,05 e **p<0,01.

Por último, relativamente às correlações entre as subescalas da Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro e da Escala de Atitudes em relação ao Amor, verifica-se que os/as participantes que se identificam mais com o estilo *Pragma*, também legitimam mais o uso de violência física masculina e feminina e menos o uso de violência sexual feminina (cf. Tabela 12). Desta forma, sugere-se a possibilidade de as características subjacentes a este estilo de amor, nomeadamente, o desejo de que o/a parceiro/a seja compatível e se adapte aos objetivos próprios, levarem os/as jovens estudantes a forçar essa mesma compatibilidade e adaptação, ponderando inclusive o recurso à violência física.

Por outro lado, os/as participantes que se identificam mais com o estilo *Mania* também legitimam menos o uso de violência psicológica masculina e feminina e aqueles/as que se identificam mais com o estilo *Ágape* legitimam menos a violência psicológica masculina (cf. Tabela 12). Estes últimos resultados são algo contraditórios, tendo em conta a falta de consensualidade face às características dos estilos de amor mencionados e, por isso, seria interessante investigar de forma mais aprofundada ditas relações, no sentido de averiguar quais as especificidades existentes nos referidos estilos, que promovem a menor aceitação de violência psicológica. Até porque a literatura revela, inclusive, a existência de uma similaridade entre estes dois estilos (cf. Kanemasa, Taniguchi, Daibo & Ishimori, 2004).

Já os/as participantes que se identificam mais com o estilo *Ludus*, também legitimam mais a violência física feminina e menos a violência sexual masculina e feminina e a violência psicológica feminina (cf. Tabela 12). Aqui sublinha-se o estudo de Antunes e Machado (2012)

que evidencia que o tipo de agressão mais relatado no contexto de uma relação ocasional é efetivamente a violência física. Neste sentido, a literatura aponta algumas possíveis explicações para tal, como por exemplo, a escassa afetividade, as diferenças no grau de envolvimento e nas expectativas entre parceiros/as, a desvalorização emocional face à relação ou a objetificação do/a parceiro/a (Antunes & Machado, 2012; Dias, Manita, Gonçalves & Machado, 2013).

Por fim, os/as participantes que se identificam mais com o estilo Eros, também legitimam mais a violência sexual feminina (cf. Tabela 12). Talvez por se tratar de um estilo marcado por sentimentos fortes de atração física, onde é dada muita importância à componente sexual (Morais, 2015). Por outro lado, Dias et al. (2013) referem a existência de uma associação entre este estilo de amor e a ideia de irracionalidade e alteração do estado normal dos indivíduos, que podem levar a um descontrolo comportamental e atitudinal.

Importa, ainda, salientar que o estilo de amor companheiro, isto é, *Storge* não apresenta nenhum tipo de relação significativa com a legitimação de violência no namoro (cf. Tabela 12), apontando para uma possível neutralidade existente neste tipo de conceptualização de amor relativamente à mesma, que pode estar, inclusive, relacionada com o facto de o referido estilo estar isento de sentimentos emocionais intensos (Kanemasa et al., 2004).

| | | Escala de Atitudes em relação ao Amor | | | | | |
|--|-----|---------------------------------------|--------------|---------------|---------------|--------------|--------------|
| | | <i>Eros</i> | <i>Ludus</i> | <i>Storge</i> | <i>Pragma</i> | <i>Mania</i> | <i>Ágape</i> |
| Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro | VPM | ,059 | -,081 | -,111 | -,042 | -,234** | -,238** |
| | VFM | -,068 | ,014 | ,012 | ,776** | ,113 | ,091 |
| | VSM | ,088 | -,219** | ,023 | -,081 | -,128 | -,120 |
| | VPF | ,064 | -,202** | ,120 | -,032 | -,204** | -,042 |
| | VFF | -,110 | ,193** | ,130 | ,174* | -,105 | -,022 |
| | VSF | ,167* | -,149* | ,067 | -,152* | -,055 | -,063 |

Nota. * $p < 0,05$ e ** $p < 0,01$.

Tabela 12. - Correlações entre as subescalas que integram a EAA e a EAVN

Pistas Conclusivas

A análise dos resultados acima exposta permitiu não só responder aos objetivos específicos propostos, como também promoveu algumas reflexões acerca das temáticas em estudo.

Em primeiro lugar, destaca-se a importância de se considerar como público-alvo, face a futuros projetos de prevenção da violência no namoro, os/as estudantes do ensino superior, tendo em conta a etapa transitiva e intensa na qual se encontram em vários aspetos (cf. Mendes et al., 2013; Oliveira, 2013) e considerando que a violência no namoro

é um fenómeno que faz parte do seu contexto em particular e que pode afetar a sua saúde e o seu desenvolvimento psicossocial, bem como reproduzir-se em etapas posteriores de vida (Monteiro, 2013; Ruitiña, 2012).

Assim, torna-se urgente o desenvolvimento de projetos sociais e de programas de intervenção no referido contexto, que sejam eficazes e suportados por diagnósticos completos e por conhecimentos assentes em dados provenientes da investigação, devendo os mesmos apostar na desconstrução dos conceitos, valores, crenças e consequentes discursos e argumentos culturais que promovem a legitimação do uso de violência no namoro e que se encontram subjacentes às atitudes abordadas no estudo aqui apresentado. Neste ponto, sublinha-se, ainda, a relevância de considerar os/as estudantes de ensino superior como co-construtores/as ativos/as desses processos e práticas de prevenção e de intervenção.

Destaca-se, também, a importância de ter em conta a violência física praticada pelo sexo feminino e a violência psicológica praticada por ambos os sexos, aquando a planificação e implementação de medidas e programas de prevenção junto de estudantes do ensino superior, tendo em conta que estes emergem, no estudo acima exposto, como os tipos de violência mais legitimados no referido contexto. Assim, torna-se urgente solidificar a ideia de que a violência é inaceitável independentemente do sexo de quem perpetra (Price, Byers, Sears, Whelan & Saint-Pierre, 2000).

Por outro lado, sugere-se que, ditas medidas e programas, não devem negligenciar o facto de ser o sexo masculino a legitimar mais o uso de violência nas relações de namoro, embora devam prever a inclusão de ambos os sexos como público-alvo, devendo também considerar determinadas variáveis que, como o estudo acima exposto indica, parecem ter influência, tanto positiva (e.g. nível elevado de religiosidade) como negativa (e.g. frequência de cursos não orientados para o contacto com pessoas e/ou os cuidados pessoais), nas atitudes de legitimação de violência no namoro apresentadas pelos/as jovens estudantes.

Por último, destaca-se a necessidade e relevância de analisar as atitudes acerca da violência no namoro e as atitudes em relação ao amor em conjunto, tendo em conta que se verifica a existência de uma relação de influência entre as mesmas. Consequencialmente, sublinha-se a urgência de colocar o conceito de amor no centro da reflexão e atuação em termos preventivos e interventivos, no que diz respeito à violência no namoro, a par com outros fatores de risco e de proteção (cf. Dias et al., 2013). Isto porque os resultados acima descritos reforçam a literatura que indica que o conceito de amor, nomeadamente, alguns estilos e noções subjacentes ao mesmo ou alguns padrões de ligação e estruturação dos mesmos (cf. Dias et al., 2013), deve ser considerado

como um fator de influência relevante na existência ou não de violência nas relações amorosas (cf. Dias, 2012; Dias et al., 2013; Ruitiña, 2012; Varas, 2016).

Quanto às limitações do estudo subjacente ao presente artigo destacam-se: o desequilíbrio da amostra no que diz respeito ao sexo e à orientação sexual dos/as participantes, os aspetos relacionados com o viés de desejabilidade social que poderá estar patente nas respostas dadas ao questionário, a extensão do questionário, que poderá ter levado a uma eventual diminuição da atenção por parte dos/as participantes e o facto de a *Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro* não possibilitar a análise de questões relacionadas com comportamentos abusivos com recurso às novas tecnologias.

Como propostas para futuras investigações destaca-se a complementaridade entre métodos quantitativos e qualitativos de recolha e análise de dados, que possa permitir uma leitura mais aprofundada da problemática em estudo. Sugere-se, também, o alargamento da amostra e um maior equilíbrio no que diz respeito às variáveis sexo e orientação sexual, bem como a realização de estudos longitudinais que analisem o desenvolvimento das atitudes em estudo, da relação entre estas e da influência das variáveis sociodemográficas e contextuais em ditas atitudes, ao longo da passagem dos/as estudantes por uma instituição de ensino superior.

Assim, face aos resultados obtidos, considera-se pertinente a continuidade desta linha de investigação e, como tal, espera-se que o estudo subjacente ao presente artigo possa inspirar e servir de suporte ao aprofundamento da pesquisa nesta área em Portugal, bem como promover a reflexão e a implementação de estratégias de intervenção que sirvam de suporte ao desenvolvimento pessoal no âmbito das relações de intimidade dos/as jovens portugueses/as.

Referências

Antunes, J. & Machado, C. (2012). Violência nas relações íntimas ocasionais de uma amostra estudantil. *Análise Psicológica*, 30(1-2), 93-107. Consultado em <http://tinyurl.com/zn7dsr3>

Antunes, O. (2016). *Violência nos relacionamentos íntimos em estudantes universitários* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Consultada em <https://tinyurl.com/y8gvdac9>

Barbosa, A. C. S. (2014). *Experiências adversas precoces, vinculação romântica e experiências de violência entre jovens adultos* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade Lusófona do Porto. Consultada em <https://tinyurl.com/z5vjmf9>

Carlson, B. E. (1999). Student judgments about dating violence: A factorial vignette analysis. *Research in Higher Education*, 40(2), 201-220. Consultado em <https://tinyurl.com/ycntgrdb>

Carvalho, R. M. G. S. (2010). *Amores em (des)construção. Práticas e representações de jovens sobre o amor e as relações amorosas* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade de Lisboa. Consultada em <https://tinyurl.com/y7los3lr>

Cassepp-Borges, V. & de Andrade, A. L. (2013). Uma breve história das tentativas para medir atributos dos relacionamentos amorosos em língua portuguesa. *Estudos de Psicologia*, 18(4), 631-638. Consultado em <https://tinyurl.com/y7ehdmsq>

Cristovão, C. M. (2012). *Quanto mais me bates mais gosto de ti: Um estudo exploratório sobre a violência no namoro* [Dissertação de mestrado não publicada]. Instituto Universitário das Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. Consultado em <https://tinyurl.com/y8wmkoeb>

Crittenden, C. A., Policastro, C. & Eigenberg, H. M. (2017). Attitudes Toward Dating Violence: How Does Sexual Identity Influence Perceptions Among College Students?. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 26(7), 804-824. Consultado em <https://tinyurl.com/y7nghkb5>

Dardis, C. M., Edwards, K. M., Kelley, E. L. & Gidycz, C. A. (2013). Dating violence perpetration: The predictive roles of maternally versus paternally perpetrated childhood abuse and subsequent dating violence attitudes and behaviors. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 22(1), 6-25. Consultado em <https://tinyurl.com/y8pwdqqy>

Delgado, J. B. (2016). Violencia en el noviazgo: Diferencias de género. *Informes Psicológicos*, 16(2), 27-36. Consultado em <https://tinyurl.com/yc2cv8ke>

Dias, A. R. C. (2012). *Repertórios interpretativos sobre o amor: Das narrativas culturais às conjugalidades violentas* [Tese de doutoramento não publicada]. Universidade do Minho. Consultada em <https://tinyurl.com/gvmnmem>

Dias, A. R., Manita, C., Gonçalves, R. A. & Machado, C. (2013). Relações de intimidade juvenis e adultas, uma análise comparativa: Das narrativas de amor às conjugalidades violentas. *Psicologia*, 27(1), 63-89. Consultado em <https://tinyurl.com/y8olguq6>

Félix, D. S. S. (2012). *Crenças de legitimação da violência de género e efeitos de campanhas de prevenção: Um estudo exploratório* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade de Lisboa. Consultado em <https://tinyurl.com/jsf2kdm>

Fernandes, C. (2016). A violência doméstica. Enquadramento legal. In P. Guerra & L. Gago (Coords.), *Violência doméstica: Implicações sociológicas, psicológicas e jurídicas do fenómeno* (pp. 81-83). Centro de Estudos Judiciários; Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.

Filipe, S. A. (2013). *Modelos percebidos de causalidade da violência entre parceiros íntimos* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade de Lisboa. Consultado em <https://tinyurl.com/gq7sf5m>

Fonseca, C. C. (2015). *Violência no namoro e atitudes associadas: Estudo comparativo entre adolescentes institucionalizados e adolescentes não-institucionalizados* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade de Coimbra. Consultado em <https://tinyurl.com/y7crmdku>

Freitas, C. P. F. (2015). *A submissão associada a violência no namoro. Um contributo para a promoção de competências sociais e emocionais* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade dos Açores. Consultado em <https://tinyurl.com/ycpzg7nu>

Gama, A., Veríssimo, A. & Tomás, C. (2017). Violência no Namoro na Escola Superior de Educação de Lisboa. *Ex aequo*, 36, 77-98. Consultado em <https://tinyurl.com/ycnpj7sh>

Gonçalves, M. A. S. (2013). *Namoro na adolescência: Atitudes de legitimação de violência e estratégias de resolução de conflitos em adolescentes nos Açores* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade dos Açores. Consultado em <https://tinyurl.com/yadl6c8t>

González, M. C. S. (2007). *Relaciones interpersonales violentas en las parejas jóvenes: Estilos de comunicación, estilos de amor y personalidad* [Tese de doutoramento não publicada]. Universidade de Valência. Consultado em <https://tinyurl.com/ycbnv8qk>

Guedes, M. J. M. (2011). *Satisfação com a vida amorosa nas relações de intimidade dos pares de namorados heterossexuais* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade do Porto. Consultado em <https://tinyurl.com/y8opjpbj>

Hines, D. A. & Reed, K. M. P. (2015). An experimental evaluation of peer versus professional educators of a bystander program for the prevention of sexual and dating violence among college students. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 24(3), 279-298. Consultado em <https://tinyurl.com/y9249duw>

Jonason, P. K. & Kavanagh, P. (2010). The dark side of love: Love styles and the Dark Triad. *Personality and Individual Differences*, 49(6), 606-610. Consultado em <https://tinyurl.com/yd63w7t9>

Júlio, C. M. F. (2011). *Amor, vinculação e bem-estar subjetivo. Um estudo com adultos de etnia cigana* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade de Coimbra. Consultado em <https://tinyurl.com/y76y9hrx>

Kanemasa, Y., Taniguchi, J., Daibo, I., & Ishimori, M. (2004). Love styles and romantic love experiences in Japan. *Social Behavior and Personality*, 32(3), 265-282.

Leitão, M. N. C., Fernandes, M. I. D., Fabião, J. A. S. A. O., Sá, M. C. G. M. A., Veríssimo, C. M. F. & Dixe, M. A. C. R. (Coords.) (2013). *Prevenir a violência no namoro. N(Amor)O (Im)Perfeito: Fazer diferente para fazer a diferença* (pp. 17-21). Unidade de Investigação em Ciências da Saúde – Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. Consultado em <https://tinyurl.com/yazun648>

Lopes, A. I. S. (2014). *Afetos, desafetos e abuso relacional na adolescência* [Dissertação de mestrado não publicada]. Instituto Politécnico de Viseu. Consultado em <https://tinyurl.com/y992v3lo>

Machado, C., Caridade, S. & Martins, C. (2010). Violence in juvenile dating relationships self-reported prevalence and attitudes in a Portuguese sample. *Journal of Family Violence*, 25(1), 43-52. Consultado em <https://tinyurl.com/yd5yhjvd>

Manuel, S. C. G. (2014). *A violência no namoro entre jovens adultos* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade do Porto. Consultado em <https://tinyurl.com/yab3bmnj>

Marzec, M. & Łukasik, A. (2017). Love Styles in the Context of Life

History Theory. *Polish Psychological Bulletin*, 48(2), 237-249. Consultado em <https://tinyurl.com/ybbjnynb>

Mendes, J. M., Duarte, M., Araújo, P. & Lopes, R. (2013). Violência e relações de intimidade no ensino superior em Portugal: Representações e práticas. *Revista Teoria & Sociedade*, 21(2), 87-112. Consultado em <http://tinyurl.com/z73tenp>

Monteiro, A. S. C. (2015). *Avaliar atitudes para prevenir comportamentos: As atitudes dos jovens universitários acerca da violência no namoro* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade do Porto. Consultado em <https://tinyurl.com/hlb8nkj>

Monteiro, M. S. P. (2013). *Prevenção da violência no namoro. Avaliação do workshop ver, pensar e agir - Projeto (O)usar & Ser laço branco* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade de Coimbra. Consultado em <https://tinyurl.com/y89fgyoq>

Morais, L. (2015). *A natureza do amor romântico* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Consultado em <https://tinyurl.com/ycchyhnq8>

Moura, G. A. (2012). *Violência no namoro e estilos parentais na adolescência. Compreensão das atitudes face à violência nas relações de namoro em adolescentes e a relação com a sua percepção dos estilos parentais* [Dissertação de mestrado não publicada]. Instituto Universitário das Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. Consultado em <https://tinyurl.com/ycw2fdcd>

Moyeda, I. X. G., Velasco, A. S. & Ojeda, F. J. R. (2013). Relaciones entre estilos de amor y violencia en adolescentes. *Psicología desde el Caribe*, 30(2), 211-235. Consultado em <https://tinyurl.com/ya5prcj>

Murray, C. E., Wester, K. L. & Paladino, D. A. (2008). Dating Violence and Self-Injury Among Undergraduate College Students: Attitudes and Experiences. *Journal of College Counseling*, 11(1), 42-57. Consultado em <https://tinyurl.com/ycujtww9>

Narváez, B. L. R., Parra, C. E. A., Alonso, M. A. B. & Madera, A. P. (2017). Actitudes hacia el amor en relaciones románticas de jóvenes universitarios. *Praxis & Saber*, 8(16), 155-178. Consultado em <https://tinyurl.com/y7hhyrt>

Nascimento, F. S. (2009). *Namoro e violência: Um estudo sobre amor*,

namoro e violência entre jovens de grupos populares e camadas médias [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade Federal de Pernambuco. Consultado em <https://tinyurl.com/ycvfddeyd>

Neto, F. (1992). *Solidão, embaraço e amor*. Centro de Psicologia Social.

Neto, F. (2001). Love styles of three generations of women. *Marriage & Family Review*, 33(4), 19-30. Consultado em <https://tinyurl.com/ybwcsq8e>

Neto, F. (2007). Love styles: A cross-cultural study of British, Indian, and Portuguese college students. *Journal of comparative family studies*, 239-254. Consultado em <https://tinyurl.com/y9qn7jjs>

Oliveira, C. S. (2013). *Conceções dos Estudantes Universitários acerca das Relações Amorosas na sua faixa etária* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade de Évora. Consultado em <https://tinyurl.com/y972v7nk>

Oliveira, J. A. (2011). *Violência no Namoro. Adaptação de um Programa de Prevenção em Jovens Universitárias* ([Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade da Beira Interior. Consultado em <https://tinyurl.com/y7cjovas>

Otero, L. M. R. & Martínez, L. T. (2016). Violencia en pareja, amor romántico y trabajo social. Voces desde futuros trabajadores sociales mexicanos. *Trabajo social hoy*, 79, 99-130. Consultado em <https://tinyurl.com/y7vxq9q>

Paiva, C. & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107. Consultado em <https://tinyurl.com/y9hjouzz>

Pérez, V. A. F., Fiol, E. B., Guzmán, C. N., Palmer, M. C. R. & Buades, E. G. (2008). El concepto de amor en España. *Psicothema*, 20(4), 589-595. Consultado em <https://tinyurl.com/y7xzjfqe>

Pinto, M. C. (2009). *Intimidade em adolescentes de diferentes grupos étnicos*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. Consultado em <https://tinyurl.com/y7cd654k>

Price, E. L., Byers, E. S., Sears, H. A., Whelan, J. & Saint-Pierre M. (2000). Dating violence amongst New Brunswick adolescents: A summary of two studies. *Research Paper Series*, 2(1), 81-88. Consultado em <https://>

tinyurl.com/y7f7mgn7

Price, E. L., Byers, E. S. & The Dating Violence Research Team (1999). The Attitudes Towards Dating Violence Scales: Development and Initial Validation. *Journal of Family Violence*, 14(4), 351-375. Consultado em <https://tinyurl.com/ycmadtyg~>

Quaresma, C. (2012). *Violência doméstica: Da participação da ocorrência à investigação criminal*. Cadernos da Administração Interna. Consultado em <https://tinyurl.com/yavn6gtg>

Rey-Anacona, C. A. (2015). Variables asociadas a los malos tratos en el noviazgo en adolescentes y adultos jóvenes. *Acta Colombiana de Psicología*, 18(1), 159-171. Consultado em <https://tinyurl.com/y83zcnap>

Ribeiro, P. A. F. M. (2013). *A dimensão juspsicológica da violência no namoro: Um estudo* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Consultado em <https://tinyurl.com/yc993s9t>

Rodríguez-Santero, J., Muñoz, M. A. G. C. & Gálvez, A. P. M. (2017). Los estilos de amor en estudiantes universitarios. Diferencias en función del sexo-género. *Revista Internacional de Sociología*, 75(3), 1-13. Consultado em <https://tinyurl.com/ya9zlc2>

Ruitiña, C. V. (2012). *Factores de riesgo a nivel macrosistémico para la violencia de género: El papel de los mitos del amor en las relaciones de noviazgo* (Dissertação de mestrado, Universidade de Oviedo, Oviedo). Consultado em <https://tinyurl.com/yamx4bnt>

Saavedra, R. M. M. (2010). *Prevenir antes de remediar: Prevenção da violência nos relacionamentos íntimos juvenis* [Tese de doutoramento não publicada]. Universidade do Minho. Consultado em <https://tinyurl.com/yd5sc6s7>

Saavedra, R., Machado, C. & Martins, C. (2017). Escala de Atitudes acerca da violência no namoro. In M. Gonçalves, C. Machado & M. R. Simões (Coords.), *Instrumentos e contextos de avaliação psicológica* (Vol. II). Almedina.

Saavedra, R., Martins, C. & Machado, C. (2013). Relacionamentos íntimos juvenis: Programa para a prevenção da violência. *Psicologia*, 27(1), 115-132. Consultado em <https://tinyurl.com/y8erpa38>

Santos, C. M. V. (2009). *Amor, paixão e atracção: Compreensão e delimitação de conceitos* [Dissertação de mestrado não publicada]. Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Consultada em <https://tinyurl.com/y9xffrej>

Santos, E. O. (2015). *Intervenção social na violência no namoro: Estratégias de prevenção* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Consultada em <https://tinyurl.com/ybepcqqud>

Serrão, H. C. M. R. (2015). *Deus, o Meu Amor e o Meu Eu. Estudo Correlacional entre Espiritualidade, Tipos de Amor e Representação do Self* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade de Évora. Consultada em <https://tinyurl.com/y98n3xyn>

Teixeira, A. I. G. S. (2015). *Violência Física no Namoro em Jovens Universitários* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Consultada em <https://tinyurl.com/yavjntvk>

Thompson, E. H., Jr. (1991). The maleness of violence in dating relationships: An appraisal of stereotypes. *Sex Roles*, 24(5-6), 261-278. Consultado em <https://tinyurl.com/y82r7tec>

Torres, A. (1987). Amores e Desamores: Para uma análise sociológica das relações afectivas. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 3, 21-33. Consultado em <https://tinyurl.com/y9dj3eol>

Varas, A. M. (2016). *Relaciones de pareja adolescentes: Estilos de amor y tácticas violentas en la resolución de conflictos* [Dissertação de licenciatura]. Universidade de Salamanca. Consultada em <https://tinyurl.com/ybj89pl6>

Vedes, A., Hilpert, P., Nussbeck, F. W., Randall, A. K., Bodenmann, G. & Lind, W. R. (2016). Love styles, coping, and relationship satisfaction: A dyadic approach. *Personal Relationships*, 23(1), 84-97. Consultado em <https://tinyurl.com/y86zqhss>

Vieira, A. M. S. (2013). *Representações sociais da violência entre parceiros íntimos numa amostra de estudantes do ensino superior: O género fará a diferença?* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade de Coimbra. Consultada em <https://tinyurl.com/y7eyahg2>